

## Avelãs Nunes semeador

Prefácio do Prof. Doutor Luiz Edson Fachin (Professor Titular da Universidade Federal do Paraná), Ministro do Supremo Tribunal Federal, do livro

*A REVOLUÇÃO FRANCESA – As origens do Capitalismo – A Nova ordem Jurídica Burguesa*, Belo Horizonte, Fórum, 2017.

Os estudantes brasileiros, antes de adentrarem em curso superior, são em geral estuário de informações que na memória retêm, por certo, as expressões de *Liberdade, Igualdade e Fraternidade* que deságuam nos livros da história. Arquivaram possivelmente essa informação ao empreender um modo de ver o passado que, pela queda e ascensão de classes sociais, lançou as bases da ponte que chega ao presente moderno. Nos moldes do ensino brasileiro superior, nomeadamente (mas não exclusivamente) nas Faculdades de Direito, terão eles, ao final da formação, levado a efeito intelectualmente a completa travessia crítica do rio que começou jorrar em 1789 e em cujas águas os dias atuais não deixam de navegar? Se há dúvida nessa resposta, estudantes e estudiosos têm agora em mãos um contributo para decodificar a Revolução Francesa e o sentido histórico daquelas expressões. Essa é a obra de Avelãs Nunes.

A cultura brasileira vem de receber por ela, a partir de uma mirada da Economia Política, um notável reforço que se conduz com segurança nos mares da história, da economia, da política e de todos os saberes aptos a produzir um *capolavoro*. Autor e obra são tributários de uma rara matéria nos tempos presentes: a lucidez crítica, intemorata e solidamente assentada nas condições materiais dos respectivos contextos histórico-sociais.

Esse é o texto que temos a honra de prefaciá-lo, cujo conteúdo é, antes de tudo, uma expressão concreta de um semeador. Seu autor, professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, espelha no sereno que a vida lhe beneplacitou a vivacidade dialética dos ramos que produzem frutos valiosos e também a robustez intrépida das raízes que os sustentam nas tempestades das ideias. Trato aqui da atitude de quem analisa a sociedade e se iguala ao papel do semeador. Não basta observar os frondosos galhos e retirar deles os frutos. É preciso que se compreenda, desde a sementeira, onde estarão arraigadas as raízes da árvore, pois é delas que vem o substrato necessário para que se produza o fruto e a volumosa copa.

De fato, ler António José Avelãs Nunes é mergulhar na necessária interdisciplinaridade para compreender que o conhecimento não é estanque, muito menos enjaulado em redutos inacessíveis. Avelãs Nunes faz de seus escritos um verdadeiro sistema de vasos comunicantes, de modo que é impensável passar por seus textos sem incitar as mais variadas áreas do saber. Neles colhemos frutos da consciência crítica, da informação histórica fundada e ao mesmo tempo, atilada e penetrante análise da realidade sem disfarces nem seduções da linguagem fácil.

Li e reli a obra que tenho a honra e, sobretudo, a responsabilidade de prefaciá-la: ela não foge à coerência de Avelãs Nunes, calcada na rigorosa reflexão científica.

Compreender a Revolução Francesa é mesmo haurir boa parte do arcabouço teórico e ideológico da Modernidade. Não se trata, no entanto, de uma mera enumeração de fatos passados, em uma linha positivista rumo ao presente. Pelo contrário, Avelãs Nunes assume a história a partir da visão que se assenta na perspectiva inequívoca de uma sociedade que parte do ‘reino da necessidade’ para o ‘reino da liberdade’. Também não busca a narrativa dos fatos pela versão dos vencedores, mas intenta compreender a versão dos vencidos, à luz das contradições sociais. Faz isso, sobretudo, por meio do diálogo com a Economia, o Direito e a Filosofia. Tem-se, portanto, os ingredientes adequados para uma análise histórica rica e crítica, alavancada na Economia Política.

O resgate da memória preconizado pelo Catedrático de Coimbra, mestre de todos nós, ainda mais quando mediado pelas interposições teóricas de diversas áreas do conhecimento, é fundamental para que se compreenda que o *estado da arte* da Modernidade tem fundamentos que não surgiram *à vol d’oiseau*. Resgatar a memória, contudo, não significa apenas narrá-la, mas, sobretudo, analisá-la criticamente, interpretá-la e colocá-la em relação. Por isso insisto, mesmo que correndo o risco de parecer redundante, em aferir o alto grau do estudo de Avelãs Nunes justamente por trazer à sua análise histórica as determinantes da Economia, da Política, da Filosofia e de tantas mais áreas.

Sendo assim, a obra, de forma magistral, expõe como as variantes econômicas foram fundamentais ao processo revolucionário vivido na Europa, com ênfase para a França, bem como para a instituição de uma nova ordem jurídica burguesa. Abarca desde a decadência do artesanato, até a ascensão das manufaturas, passando pela política dos *enclousers* na Inglaterra ou ainda as crises de produção na França. Tais elementos econômicos, de certa forma, moldam as movimentações políticas subsequentes, e que, por sua vez, influenciam outras movimentações sociais. De fato, separar a política da economia é erro crasso, uma vez que ambos são fenômenos sociais indissociáveis. Se em Marx a Economia é a infraestrutura que determina a superestrutura política e ideológica, e ainda para outros autores como Gramsci a superestrutura também apresenta sua relevância inclusive na influência da infraestrutura econômica, fica evidente que são campos imbricados, não se podendo tomar uma decisão econômica que não seja política; enfim, não há agir político sem escopo econômico.

Ademais, a análise dos momentos da Revolução Francesa está cingida igualmente das correntes ideológicas, políticas e econômicas que lhe foram adjacentes. A obra é incontestavelmente nítida ao mostrar as motivações econômicas e ideológicas da instituição do voto censitário logo após a Revolução, ou ainda da Declaração dos Direitos do Homem instituir a propriedade como direito sagrado. De tal forma, também se baseou econômica e politicamente o período jacobino, bem como o *18 Brumário* e os movimentos revolucionários de 1848. Ao fim e ao cabo, portanto, não se analisa a história isoladamente, as interseções com outros campos são prementes, sob pena de se deixar passar à revelia do interlocutor a complexidade dos fatos.

Depois desse breve escorço, impõe-se reiterar a importância paradigmática desta obra, especialmente ao estudante de Direito. Por meio dela, é possível levar a cabo a travessia que principia na informação e se conclui na verdadeira formação acadêmica, de modo aberto, consistente e plural. Assim como as análises históricas, o Direito não pode ser impermeável. Impende ao jurista compreender a história em toda sua amplitude para que possa se situar no presente a partir de seu objeto de estudo, que é

derivado também dessa história. Como compreender o atual estatuto jurídico da propriedade sem passar pelo liberalismo que se fundou nas revoluções burguesas? Ainda, como se pensar em Estado Democrático de Direito sem compreender a construção da ideia de Estado e depois do Estado de Direito democrático? Por essas e outras questões, Avelãs Nunes é imprescindível a um estudo que não se conforme em si mesmo, mas que se pretenda reflexivo e consciente de seus institutos.

Por fim, ressalto com imenso júbilo os laços transatlânticos que unem Avelãs Nunes e a comunidade jurídica brasileira. O Catedrático de Coimbra representa inspiração, acolhimento e tenaz perceptibilidade. Ele é admirado e respeitado também no Brasil, país que já lhe outorgou o título de cidadão adotivo por afeto e afinidades. Prova disso foi a mais de meia centena de textos de autores brasileiros que compuseram o *Liber Amicorum* em homenagem ao seu jubileamento, e a recente outorga do título de Membro Honorário da Academia Brasileira de Letras Jurídicas. De todos (e muitos que são!) os títulos dos quais é portador, tenho em Avelãs Nunes a real percepção do intelectual, engajado e brilhante, e acima de tudo, de uma lhana amizade.

Da semente lançada em suas inquietações sobre aquilo que move o mundo, estudantes e estudiosos tem em mãos um resultado intelectual relevante, fruto que vale muito a pena sorver. Bom proveito!

Abril de 2014.